

Cresce o número de cirurgias de redução do estômago

21/09/2009

Gazeta do Oeste – MG

A cirurgia bariátrica, mais conhecida como cirurgia de redução do estômago, tem crescido muito nos últimos anos em todo o país. Isso, devido a um dado alarmante do ponto de vista da saúde pública: quatro em cada dez brasileiros estão acima do peso ideal. Os dados são de uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde e mostram que a obesidade aumentou nos brasileiros. Atualmente, 13% dos adultos são obesos, sendo o índice maior entre as mulheres (13,6%) do que entre os homens (12,4%). Já o índice de brasileiros com excesso de peso se manteve estável nos últimos três anos. Entre os adultos das 26 capitais e do Distrito Federal, 43,3% estão acima do peso. A frequência entre os homens é maior: 47,3% deles estão com excesso de peso, enquanto 39,5% delas estão nessa faixa.

O excesso de peso é diagnosticado a partir do Índice de Massa Corporal (IMC), obtido pela razão entre o peso e o quadrado da altura. Se esse índice alcança valor igual ou superior a 25 kg/m², há excesso de peso. A obesidade é diagnosticada quando o índice atinge ou supera os 30 kg/m². Já a obesidade mórbida é diagnosticada quando o IMC é equivalente ou superior a 40 kg/m².

A cirurgia bariátrica é recomendada para casos de obesidade mórbida em indivíduos com idade superior a 18 anos, de qualquer sexo. Também pode ser realizada se o IMC de determinada pessoa estiver entre 35kg/m² e 40 kg/m² e outras doenças causadas pela obesidade estiverem colocando sua vida em risco como diabetes, hipertensão arterial, apnéia do sono, hérnia de disco e doenças associadas. Em caso de não sofrer nenhuma destas enfermidades, é recomendado que essa pessoa faça dieta para perder peso. Dependentes de álcool ou drogas, pessoas sem condições psicológicas ou com IMC inferior a 40 (que não possuam problemas de saúde) não podem fazer a operação.

Eficácia

Segundo a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO), são realizadas no Brasil aproximadamente 25 mil cirurgias bariátricas por ano. O método se mostra eficaz para pessoas que sofrem de obesidade mórbida: após o procedimento, elas chegam a perder, em média, 40% do peso em um ano.

A estudante Maria Luíza (nome fictício, pois a mesma não quis ter a identidade revelada), de 21 anos, passou pelo procedimento cirúrgico há um ano. Ela possui 1,68m de altura e, antes da cirurgia, pesava 115 kg, sendo considerada portadora de obesidade mórbida. Hoje, um ano depois, Maria Luíza pesa 69 kg. "Perdi 46 kg e o meu IMC hoje é 24 (índice considerado normal). A cirurgia é uma coisa muito séria e deve ser feita somente por saúde, e não por estética", conta a jovem.

Maria Luíza se sente hoje muito feliz, pois o rápido resultado melhorou muito a sua auto-estima. No entanto, a estudante ressalta que, como toda cirurgia, existe um risco, e só deve ser realizada quando o excesso de peso prejudica a saúde. "O mais importante é manter a disciplina", afirma.

Questão de saúde

A cirurgia bariátrica é considerada por diversas pessoas milagrosa, pois em um tempo relativamente pequeno, acompanhado de um tratamento nutricional, o resultado é muito bom tanto para a saúde e estética. No entanto, a eficiência do procedimento tem sido motivo de alerta para médicos: na busca pela estética, algumas pessoas, procurando alcançar o peso mínimo para realizar a cirurgia, começam a engordar desenfreadamente, agredindo e causando diversas vezes danos ao organismo.

Apesar das recomendações, a cirurgia é bastante procurada por pessoas em busca de melhora estética. O médico Antônio Augusto Peixoto de Souza, coordenador do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, em entrevista para o site "G1", disse que a cirurgia de redução do estômago não é, de forma alguma, uma cirurgia estética. "Ela é indicada para a obesidade, que é uma doença e para o combate aos distúrbios relacionados a ela, como diabetes, doenças cardiovasculares, de circulação e hipertensão", alerta.

A obesidade é uma doença que tem tratamento, mas não tem cura. Por isso, é necessário que o ex obeso tenha um acompanhamento médico por toda vida, conciliando saúde e estética. Este é o caso da empresária Carla Lasmar. Devido a um problema na tireóide e após várias dietas e tratamentos sem bons resultados ela se submeteu à cirurgia bariátrica e está muito feliz. Segundo Carla, sua saúde está ótima e

a estética está melhor ainda. "A cirurgia foi a melhor coisa que eu fiz. A tireóide está amenizando, tudo está normal e a minha auto estima está lá em cima", conta a empresária.

Para um bom resultado, é importante que o paciente faça após a cirurgia, além do tratamento nutricional, um acompanhamento psicológico. Isso porque é necessário que o paciente entenda e aceite o que acontecerá no seu corpo, que sofrerá grandes mudanças. Carla fez tratamento psicológico por sete meses. Oito meses após a cirurgia, a empresária perdeu 38 kg.

SUS

A obesidade é vista como uma epidemia na América Latina e se tornou um problema de saúde pública. Por isso, desde 2001, a cirurgia bariátrica passou a ser realizada pela rede pública de saúde. A demanda pelo procedimento de redução do estômago nos hospitais vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) aumentou 642% desde então. Em 2001, o poder público gastou R\$ 1,23 milhão para a realização de 497 procedimentos como esse. Já em 2008 foram realizadas 3.195 cirurgias bariátricas pelo SUS, a um custo de R\$ 15,7 milhões, um aumento de 1.276% em relação ao primeiro ano. Também aumentou a quantidade de estabelecimentos habilitados para realizar a operação, passando de 18, em 2001, para 58 unidades em todo o Brasil, em 2009.

Entre os estados que realizaram o maior número de cirurgias, São Paulo lidera a lista com 1.068 procedimentos, seguido do Paraná (954) e Santa Catarina (344). O maior número de cirurgias é realizado em mulheres: em 2008 foram 2.639 cirurgias entre elas e 556 entre homens. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica, estima-se que o Brasil tenha 3,73 milhões de obesos mórbidos. Muitos deles já são atendidos pelo SUS em programas de emagrecimento, formados por equipes multidisciplinares, com a participação de nutricionistas.

No tratamento oferecido pela rede pública, a indicação de atividades físicas é recomendada para prevenção da obesidade. Antes de fazer a cirurgia, o paciente precisa passar por uma avaliação clínica e cirúrgica e um acompanhamento com uma equipe multidisciplinar durante dois anos. Nesse período, ele é submetido a uma dieta e, se os resultados não forem positivos, a cirurgia é recomendada.